

Blue Notes | Fechamento da Semana | 3 de abril 2020

Duração da crise e efetividade de medidas mantêm mercados sob pressão. Mesmo depois de uma recuperação técnica, os mercados globais permanecem frágeis devido às evidências de que a duração dessa crise pode ser maior e a efetividade das políticas expansionistas limitada. Localmente, os posicionamentos contraditórios do presidente seguem causando incerteza nos mercados quanto à capacidade de o país administrar a crise sanitária sem provocar colapso na rede de saúde. Por outro lado, a equipe econômica segue propondo medidas compensatórias, mas as pressões maiores são para que as iniciativas já anunciadas cheguem mais rapidamente aos beneficiários finais. Nesse sentido, espera-se que a emenda constitucional que estabelece orçamento paralelo para despesas relacionadas à crise e aumenta o poder de intervenção do BC seja aprovada rapidamente.

BCB vê cenário “altamente recessivo”. Na medida em que os indicadores de atividade pós-crise são divulgados (índices de confiança, fluxo de pedágios, vendas de veículos) os analistas começam a calibrar suas expectativas à realidade de recessão global e no Brasil. Nessa semana, a pesquisa Focus do BCB mostrou a mediana a amostra com queda de 0.5% do PIB neste ano, mas achamos que a economia deve cair bem mais, na faixa de 3% a 4%. De acordo com a imprensa, o presidente do BC, Roberto Campos Neto, teria mencionado que enxerga um cenário “altamente recessivo”, agravado pelo efeito contracionista da queda na bolsa, abertura dos juros futuros e contração no crédito. Com o objetivo de prover o BC de instrumentos que afetem mais diretamente as condições financeiras, o Congresso analisa a aprovação de uma emenda constitucional que permite ao BC comprar ativos financeiros públicos e privados, equiparando o poder de fogo do BCB às autoridades dos países desenvolvidos.



Única certeza é a contração sem precedentes.

Dados começam a mostrar de forma mais clara um impacto sofrido pela economia sem precedentes na história, surpreendendo as expectativas já pessimistas do mercado. Destaque maior fica para os indicadores de mercado de trabalho dos EUA, onde o payroll mostrou que as demissões começaram a ocorrer em grande escala antes do agravamento da situação do coronavírus. Mais relevante ainda, pedidos de auxílio desemprego voltaram a registrar novos recordes escalando nessa semana para incríveis 6,6 milhões, o que em conjunto com dados da semana passada seriam suficientes para levar a taxa de desemprego para algo em torno de 10%. As incertezas sobre a extensão da crise e o tempo que levará para que grande parte dos estímulos já aprovados cheguem de fato as empresas e consumidores permanecem. Diante desse cenário, aumentam-se as preocupações em relação ao comportamento da economia no pós-crise, o quão rápido a economia poderá reabsorver a mão-de-obra desalocada de seus postos, comportamento mais avesso ao risco dos consumidores, maior endividamento das empresas e governos, são questões relevantes que permearão o mercado nos próximos meses.

Petróleo tem movimento de alta. Possibilidade de acordo entre os principais produtores de petróleo fez seu preço subir pela primeira vez desde o início da crise. Mas dúvidas quanto a aceitação dos países fora da OPEC+ no corte de produção e a continuidade de ausência de demanda pela fraqueza da economia global deixam dúvidas sobre o comportamento desse mercado nos próximos meses.